

## O PIBID COMO PROPICIADOR DE CAPACIDADES DOCENTES

**Gabriela Martins Mafra<sup>1</sup>**  
**Samandra de Andrade Corrêa**

**Resumo:** Esta análise tem como objeto de estudo o subprojeto PIBID/UENP “Letramento na escola: práticas de leitura e produção textual”, que se insere no eixo 2, Língua Portuguesa. Este eixo focaliza o letramento por meio de gêneros do jornal, com a mediação da ferramenta “sequência didática de gêneros”, fundamentada nas pesquisas do grupo genebrino filiado ao Interacionismo Sociodiscursivo (ISD). Nosso foco é analisar as capacidades docentes desenvolvidas nos pibidianos, através da transposição didática para a elaboração do Jornal PIBID. Pretendemos contribuir com os processos que envolvem tanto o ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa, como a formação docente, em nível inicial e continuado.

**Palavras chaves:** ISD; Transposição didática; Formação docente.

**Abstract:** This analysis has as its object of study the subproject PIBID / UENP “Literacy in school: reading practices and textual production”, which forms part of the axis 2, Portuguese language. This axis focuses on literacy through newspaper genres, mediated by the “instructional sequence”, of the Geneva research group affiliated with Sociodiscursive Interactionism (SDI). Our focus is on the analysis of the teaching capacities developed in pibidianos through didactic transposition for the elaboration of the Newspaper PIBID. We intend to contribute with the processes involving both teaching and learning the Portuguese language, such as teacher training, in initial and continued levels.

**Keywords:** Sociodiscursive Interactionism; Didactic transposition; Teacher training.

---

1. Alunas do 3º ano de Letras: Português/Inglês da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP/ Campus Cornélio Procopio). Bolsistas da Capes pelo PIBID no eixo: Língua Portuguesa. Orientandas da Profa. Dra. Eliana Merlin Deganutti de Barros (UENP/CCP). Contato principal: gabi\_martins\_mafra@hotmail.com.

## Introdução

Esse relato de pesquisa resulta de estudos realizados no subprojeto, eixo Língua Portuguesa. Propomos analisar as capacidades docentes desenvolvidas em pibidianos participantes desse subprojeto que está em vigor há dois anos.

O subprojeto tem como uma de suas metas seguir a *engenharia da transposição didática* em sua totalidade, cumprindo, assim, todas as suas fases. Para tanto, temos como pilar teórico-metodológico os estudos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), o qual é construído com base em toda uma engenharia didática.

Nosso *corpus* de análise é composto pelas ações desenvolvidas nesse subprojeto, as quais coincidem com o objetivo de construir colaborativamente um jornal escolar. A produção do jornal foi composta pelas seguintes etapas: 1) estudos teóricos para fundamentar a transposição didática externa e interna dos gêneros do jornal; 2) seleção dos gêneros que iriam compor o jornal PIBID; 3) elaboração de modelos teóricos e didáticos dos gêneros; 4) construção de sinopses das SDG – planejamento das SDG a partir da esquematização de oficinas, objetivos, objetos/conteúdos e atividades; 5) elaboração de tarefas, atividades e dispositivos didáticos para os módulos das SDG; 6) planificação da SDG na forma de texto instrucional para o professor. É tendo em vista esse contexto que investigamos as capacidades docentes adquiridas pelos professores em formação/pibidianos participantes desse projeto.

Cabe ressaltar que na formação inicial, a aquisição de capacidades docentes consiste num processo de construção de conhecimentos com o objetivo de ir ao encontro das necessidades do meio social para gerar, assim, propostas de parceria entre a universidade e a escola (CRISTOVÃO, 2011). Compreendemos que essa parceria é importantíssima, pois proporciona a aquisição de capacidades docentes, para o professor – por causa

do trabalho estar sendo feito pensando na prática – e um avanço para a escola, por meio do trabalho desses professores em formação recebem o que tem de mais novos em pesquisas e tornando a escola um ponto de experimentação, mas também de realização desses “novos” métodos.

Justamente para mostrar um exemplo dessa parceria, a qual tem como foco as capacidades docentes adquiridas pelos professores em formação inicial durante o trabalho com o PIBID, que organizamos o relato na seguinte ordem: 1º a engenharia didática do ISD; 2º PIBID; 3º PIBID 2014: a construção da primeira edição do jornal; 4º PIBID 2015: reconcepções; 5º agir docente; 6º capacidades docentes; 7º uma análise das capacidades docentes adquiridas por pibidianos.

## **Engenharia didática do ISD**

O Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), mas do que uma ciência linguística, pretende ser uma corrente da ciência do humano, ou seja, seu foco está na investigação das capacidades/práticas languageiras. Assim, o ISD trabalha com três grandes frentes: 1) análise de textos/discursos; 2) análise das atividades de trabalho; 3) ensino-aprendizagem da língua.

Nessa terceira etapa o ISD adota a noção de transposição didática. “A esse processo de transição entre o conhecimento científico do objeto de ensino e o conhecimento didatizado, a literatura vem denominando transposição didática.” (CHEVALLARD, 1989 apud BARROS, 2012). Compreendemos que a transposição didática é a transformação de um objeto científico em um objeto de ensino. Nesse percurso a noção de transposição didática se divide em: transposição didática externa e transposição didática interna (cf. BARROS, 2012).

A primeira refere-se ao momento pré-intervenção didática: etapa do reconhecimento teórico do objeto de ensino e sua transformação em objeto a ensinar (elaboração de atividades/tarefas/dispositivos didáticos).

Já a transposição didática interna é a etapa em que o objeto, por meio de atividades/tarefas/dispositivos didáticos, passa a ser efetivamente ensinado e aprendido: é o momento da intervenção em sala de aula.

Figura 1 – Níveis da Transposição Didática



Fonte: as autoras

Para que o professor/pesquisador consiga adaptar esse conhecimento teórico em conhecimento científico, é preciso o auxílio de ferramentas didáticas. Essa adaptação de objeto teórico em objeto de ensino ocorre em todas as disciplinas, mas em nosso caso o foco é a Língua Portuguesa, tendo em vista que a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN-BRASIL, 1998) orienta o ensino da Língua Portuguesa através dos gêneros textuais que circulam nas diversas práticas sociais.

A partir dessa orientação pode surgir um questionamento: Como trabalhar com os gêneros textuais em sala de aula?

O ISD tem duas ferramentas didáticas que auxiliam na transposição do gênero em objeto de ensino: a sequência didática (SD) e o modelo didático, os quais fazem parte da Engenharia didática do ISD.

Quando pensamos na proposta dos documentos oficiais da educação (BRASIL, 1998; PARANÁ, 2008) sobre o trabalho com os gêneros textuais no ensino de Língua Portuguesa, fica evidente que faltam a esses documentos sugestões metodológicas mais consistentes; uma ferramenta didática para tornar viável a didatização desses objetos sociais.

Os pesquisadores do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), apresentam uma metodologia para o trabalho com os gêneros orais ou escritos na sala de aula, consubstanciada no procedimento Sequência Didática de Gêneros (SDG). Uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004, p. 97).

Com essa ferramenta didática o professor poderá desenvolver diversas capacidades de linguagem (de ação, discursiva e linguístico-discursiva) nos alunos por meio dos gêneros textuais. Assim, os alunos poderão conhecer gêneros textuais ainda desconhecidos, do seu contexto, e isso poderá auxiliá-los quando estiverem em uma situação real de comunicação.

Já o modelo didático é uma ferramenta de ensino que permite ao professor/pesquisador conhecer as características do gênero a ser ensinado, processo, geralmente, realizado antes de produzir uma sequência de atividades, que pode ser uma SD. Isso ocorre, pois, o modelo didático evidencia as *dimensões ensináveis* (BARROS, 2012) de um determinado gênero, o que auxilia na elaboração de dispositivos didáticos da SD. Para tanto, se faz necessário um agir docente coerente com o contexto de ensino.

## PIBID

Segundo a CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. O programa concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por instituições de educação superior em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino. Os projetos devem

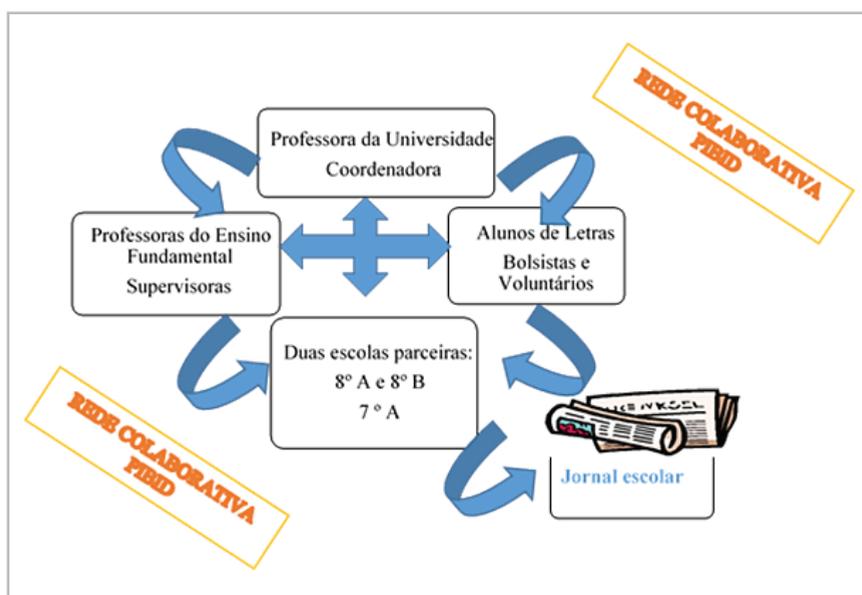
promover a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da Universidade e de um professor da escola.

### *PIBID 2014: a construção da primeira edição do jornal*

O subprojeto de português-literatura (UENP) – campus de Cornélio Procopio, Letramentos na escola: práticas de leitura e produção textual, coordenado pela Profa. Dra. Eliana Merlin Deganutti de Barros tem como foco a didatização de gêneros do jornal. Esse projeto teve início em 2014 e foi motivado pelo Programa Folha Cidadania desenvolvido pela *Folha de Londrina*, o qual tem como objetivo combater o alfabetismo funcional entre as crianças, através do incentivo à leitura dos jornais.

Esse subprojeto tem como objetivo a construção colaborativa de um jornal escolar. Dessa forma, coordenadora, professoras supervisoras, pibidianas e alunos (Ensino Fundamental II- do Colégio Estadual Monteiro Lobato e da Escola Estadual Professor Willian Madi) trabalham colaborativamente na transposição didática interna e externa de gêneros do jornal, como mostra o esquema a seguir:

Figura 2 – Rede colaborativa PIBID



Fonte: as autoras

Para a construção colaborativa desse jornal escolar foi preciso que os pibidianos estudassem os objetos que seriam transpostos para o ensino. Sendo assim, o projeto propiciou várias atividades visando à formação dos pibidianos. A seguir trazemos uma tabela com ações desenvolvidas durante a primeira fase do projeto.

**Tabela I** – Ações desenvolvidas no projeto PIBID 2014

<b>Transposição didática externa</b>	<b>Transposição didática interna</b>
Leitura e discussão de 17 textos teóricos: reflexão sobre o ensino de Língua Portuguesa (FARRACO; CATRO, 2009), concepções de linguagem (BARROS, 2013a), estudo sobre transposição didática (BARROS, 2012) o gênero textual como objeto de ensino (MARCUSCHI, 2010) / gêneros jornalísticos (FARIA; ZANCHETTA, 2007), estudo sobre a ferramenta de ensino: modelo didático (De PIETRO, 2003) e sequência didática (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004), reflexão sobre revisão, correção e reescrita textual (MENEGASSI, 2013)	Elaboração da sinopse
Seleção dos gêneros para o Jornal PIBID	Construção de dispositivos didáticos
Elaboração de modelo teórico (pensando nas potencialidades ensináveis) de alguns gêneros do jornal.	Escrita de diários críticos, em relação às intervenções em sala de aula
Elaboração de modelo didático (pensando no contexto de intervenção)	Construção de orientações didáticas para o professor trabalhar com a SD
Produção de alguns dos gêneros que comporiam o jornal, por exemplo: classificado, artigo de opinião, notícia	Produção de um relato reflexivo, em relação à intervenção pibidiana: aspectos positivos e negativos do trabalho com a SD

Fonte: as autoras

Com base nas ações desenvolvidas no projeto, percebemos a importância da transposição didática interna e externa, pois ambas proporcionaram a PIBIDianos e professores supervisores trabalharem na perspectiva dos atuais documentos de ensino (PARANÁ, 2008; BRASIL, 1998), ou seja, os gêneros como objeto de ensino tendo como ferramenta norteadora a SD.

Os gêneros tomados como objeto de ensino para compor a primeira edição do “Jornal PIBID”, impresso, foram: Carta do leitor, Carta ao leitor, Propaganda, Agendamento, Classificados (8ºA/Monteiro); Reportagem, Infográfico, Horóscopo, Sinopse de filme, (8ºB/ Monteiro) Crônica narrativa humorística (7ºA/MADI) e Artigo de opinião (7ºA/MADI). O diferencial desse processo de construção de um jornal escolar consiste em articular diversas SD num único projeto didático, a fim de que três turmas produzam, em conjunto, esse jornal escolar.

### **PIBID 2015: reconcepções**

No ano de 2015 o projeto tem continuidade com o mesmo objetivo de construir agora a 2ª edição do Jornal PIBID. Nessa nova fase trabalhamos com as mesmas escolas, o diferencial recai nas *reconcepções* (cf. BARROS, 2014) que estão sendo realizadas nas SD, a fim de adequá-las aos novos contextos de ensino, além de construir novas SD para os gêneros ainda não trabalhados.

Os gêneros selecionados para esse ano foram: Carta do leitor, Reportagem, Infográfico (9ºC/ Monteiro), Artigo de opinião e Charge (9ºB/ Monteiro), Horóscopo e Sinopse de filme (7ºA/ MADI), Tirinha (projeto de leitura/Monteiro).

Pensando no projeto anterior algumas mudanças foram necessárias, como por exemplo: a alteração do gênero crônica para horóscopo e sinopse de filme devido à imaturidade de turmas de sétimo ano; redução

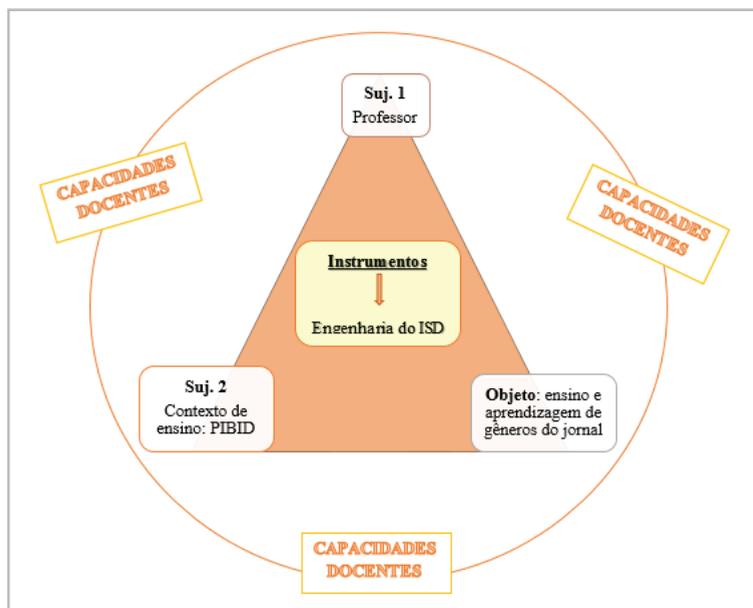
do número de gêneros para serem trabalhados em uma única turma, pois houve um “cansaço” de alunos e professores; alteração da série para se trabalhar com gênero artigo de opinião devido a sua complexidade.

Além disso, esse ano procuramos trazer à tona o *projeto de dizer* do aluno (GERALDI, 2003), pois de modo geral as temáticas dos gêneros: artigo de opinião, carta do leitor, reportagem entre outros foram selecionadas pelos alunos. Outra modificação no projeto atual é que a carta ao leitor foi retirada, pois o objetivo dela de apresentar o jornal não condiz com esse novo contexto.

## O agir docente

Segundo Clot (2007 apud BARROS 2013b) o agir do professor em uma situação de trabalho é configurado pela interação entre os sujeitos mediado por recursos externos (ferramentas/instrumentos) e internos ao indivíduo (capacidades). No nosso projeto os recursos externos utilizados pelos pibidianos foram toda a engenharia do ISD (ver tópico “a engenharia didática do ISD”) já os recursos internos foram as capacidades docentes que eles tiveram que desenvolver para atuar na transposição didática interna e externa dos gêneros que comporiam o Jornal PIBID. A seguir trazemos um esquema que representa o agir docente no contexto do subprojeto PIBID.

Figura 3 – O agir docente na transposição didática dos gêneros do jornal



Fonte: as autoras

## Capacidades docentes

Para dar suporte às análises consideramos o conceito de capacidades docentes de Barros (2015). Segundo a autora são capacidades que mobilizam e articulam saberes de diversas ordens (conceituais, procedimentais, etc.), de diversas procedências (de leituras teóricas, da formação inicial, continuada, da cultura erudita, popular, da prática pedagógica, etc.) para alcançar objetivos pedagógicos específicos (por ex., elaborar uma atividade para um módulo de uma SD, etc.). STUTZ (2012) apresenta sete saberes abordados pelo Portifólio europeu para professores de línguas em formação

inicial (EUROPA, 2007), essas categorias de saberes estão relacionadas a ações centrais envolvidas no trabalho docente, e que implicam uma rede de saberes específicos que podem estar relacionados tanto à transposição didática interna como externa, dessa forma, alguns desse saberes, a serem desenvolvidos na formação inicial dos professores, são: *do contexto, da metodologia, dos recursos, da planificação de aulas, das regências de aulas, da aprendizagem autônoma e da avaliação da aprendizagem.*

Segundo Stutz (2012, p. 83), as capacidades docentes são “construídas ou aperfeiçoadas tanto em relação ao agir praxiológico quanto pelo agir lingüístico pelos alunos-professores durante o estágio supervisionado e no curso de graduação de modo geral”. No atual panorama de formação inicial, incluímos o PIBID como um dos ambientes propiciadores do desenvolvimento de capacidades docentes, pois nesse programa adquirem-se saberes tanto teóricos como praxiológicos e desenvolvem-se capacidades docentes, como analisamos no tópico a seguir.

### **Uma análise das capacidades docentes adquiridas por pibidianos**

Essa análise é fruto de reflexões de alguns pibidianos do subprojeto: *letramentos na escola: práticas de leitura e produção textual*, em colaboração com a coordenadora do projeto e professores supervisores. Dessa maneira, outras capacidades podem surgir de acordo com o contexto, ou seja, elas não são estanques, mas estão em constante mudança.

Essas capacidades estão relacionadas tanto à transposição didática interna quanto à transposição didática externa. A seguir trazemos duas tabelas ilustrando as capacidades docentes desenvolvidas durante o subprojeto (PIBID 2014 e 2015) e comparamos com saberes citados por Europa, 2007 (apud STUTZ 2012), os quais são desenvolvidos na formação inicial.

Tabela 2 – Capacidades docentes desenvolvidas na transposição didática externa

<b>Transposição didática externa</b>	<b>Transposição didática interna</b>
Leitura e discussão de 17 textos teóricos: reflexão sobre o ensino de Língua Portuguesa (FARRACO; CATRO, 2009), concepções de linguagem (BARROS, 2013a), estudo sobre transposição didática (BARROS, 2012) o gênero textual como objeto de ensino (MARCUSCHI, 2010) /gêneros jornalísticos (FARIA; ZANCHETTA, 2007), estudo sobre a ferramenta de ensino: modelo didático (De PIETRO, 2003) e sequência didática (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004), reflexão sobre revisão, correção e reescrita textual (MENEGASSI, 2013)	Elaboração da sinopse
Seleção dos gêneros para o Jornal PIBID	Construção de dispositivos didáticos
Elaboração de modelo teórico (pensando nas potencialidades ensináveis) de alguns gêneros do jornal.	Escrita de diários críticos, em relação às intervenções em sala de aula
Elaboração de modelo didático (pensando no contexto de intervenção)	Construção de orientações didáticas para o professor trabalhar com a SD
Produção de alguns dos gêneros que comporiam o jornal, por exemplo: classificado, artigo de opinião, notícia	Produção de um relato reflexivo, em relação à intervenção pibidiana: aspectos positivos e negativos do trabalho com a SD

Fonte: as autoras

Embora a transposição didática externa trabalhe com a teoria percebemos como ela está fortemente implicada na prática. Por exemplo: mesmo que o professor esteja construindo conhecimentos teóricos (ferramentas didáticas) ele sempre está relacionando-os com seu contexto de ensino. Nas ações desenvolvidas pelo subprojeto percebemos que os saberes: contexto, metodologia e planificação de aula estão relacionados à transposição didática externa. Essa análise é coerente se pensarmos que nessa fase o professor precisa entender o seu contexto de intervenção, a metodologia que irá utilizar, como também planejar suas aulas de acordo com a ferramenta didática escolhida (seja a SD ou não).

Tabela 3 – Capacidades docentes desenvolvidas na transposição didática interna

<b>Capacidades docentes</b>	
Transposição didática interna	Saberes desenvolvidos na formação inicial
Desenvolvimento das atividades e dispositivos didáticos em sala de aula, incluindo os processos de planejamento, revisão (o que inclui, também, a correção do professor) e reescrita textual.	Regência de aulas e Planificação de aulas
Mediação das tarefas do aluno e seleção de ferramentas de ensino.	Recursos e regência de aulas
Seleção de gestos didáticos e dinâmicas de ensino apropriados ao contexto da intervenção do PIBID e seus objetos de ensino (gêneros do jornal).	Regência de aulas e Contexto

Adaptação dos gestos didáticos e dinâmicas de ensino em “tempo real”, a partir dos (im)previstos.	Aprendizagem autônoma
Gerenciamento do tempo escolar e de sala de aula.	Regência de aulas e aprendizagem autônoma
Avaliação do desempenho dos alunos.	Avaliação da aprendizagem

Fonte: as autoras

Compreender o contexto de intervenção é essencial em qualquer fase da transposição, pois ele determina o agir do professor nos diversos momentos de ensino. O contexto regula a regência das aulas, porque a todo momento o professor precisa adaptar atividades, avaliar a aprendizagem. Isso requer uma aprendizagem autônoma do professor devido a alterações causadas pelo contexto. Dessa forma, o professor precisa ser autônomo em seu agir docente. Por exemplo, no trabalho com o gênero reportagem houve um imprevisto, pois, os alunos responsáveis por trazerem as temáticas não realizaram a tarefa. Diante dessa situação os pibidianos “em tempo real” tiveram que adaptar a dinâmica de ensino. A solução nesse caso foi levar os alunos para a “sala de informática”. Enfim, o professor precisa estar ciente de que imprevistos acontecem e ter sempre uma solução “em tempo real” que não prejudique o decorrer das atividades.

## Conclusão

Constatamos que a ferramenta seqüência didática é eficiente num trabalho pensado no ensino da Língua Portuguesa, por meio dos gêneros Textuais, pois nesse subprojeto, os pibidianos tiveram um contato tanto com a elaboração de atividades para a Sequência Didática quanto com a

intervenção em sala de aula. Dessa forma várias capacidades docentes foram desenvolvidas contribuindo, assim, para a formação desses futuros professores. Nesse sentido, os saberes “centrais” estipulados pelo Portifólio europeu para professores de línguas em formação inicial (EUROPA, 2007) foram cumpridos dentro da transposição didática interna e externa.

## Referências

- BARROS, Eliana Merlin Deganutti de. Aproximação entre o funcionamento da Metodologia das Sequências Didáticas e o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal. *Calidoscópico*, São Leopoldo, v.11, n. 1, p.76-89, jan./abr./ 2013a.
- \_\_\_\_\_. As reconcepções do trabalho docente no processo da transposição didática de gêneros. In: Barros, Eliana Merlin Deganutti de; RIOS-REGISTRO, Eliane Segati. *Experiências com sequências didáticas de gêneros textuais*. Campinas: Pontes Editores, 2014, p. 41-68.
- \_\_\_\_\_. O trabalho do professor sob o ponto de vista dos gestos didáticos. *RBLA*, Belo Horizonte, v. 13, n. 3, p. 741-769, 2013b.
- \_\_\_\_\_. *Saberes e capacidades docentes mobilizados na transposição didática de gêneros textuais*. 2015 (texto fornecido pela autora, em fase de submissão).
- \_\_\_\_\_. Transposição didática externa: a modelização do gênero na pesquisa colaborativa. *Raído*, (UFGD), Dourados-MS, v.6, n.11, p.11-35, jan./jun.2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa*. Volume: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 1998.
- CLOT, Yves. *A função psicológica do trabalho*. Trad. Adail Sobral. 2.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.
- CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. Parcerias no desenvolvimento profissional do professor: espaços de (re) significação para o Estágio Supervisionado. IN: GONÇALVES, A. V.; PINHEIRO, A. S.; FERRO, M. E. (Orgs.). *Estágio supervisionado e práticas educativas: diálogos interdisciplinares*. Dourados: Editora UEMS, 2011. v. 1, PN, Pp.145-156.

- De PIETRO, Jean-François; SCHNEUWLY, Bernard. Le modèle didactique du genre : un concept de l'ingénierie didactique. In : *Théories-Didactique de la lecture-Écriture*. Réseau Didactique, Université Charles-de-Gaulle: Lille, 2003.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim (Org.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das letras, 2004. P.95-128.
- FARACO, Carlos Alberto; CASTRO, Gilberto. Por uma teoria linguística que fundamente o ensino de língua materna. *Educar em Revista*, Curitiba, v.15, 1999. Disponível em: <[http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos\\_15/faraco\\_castro.pdf](http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_15/faraco_castro.pdf)>. Acesso em: 12 abr. 2009.
- FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA JR, Juvenal. *Para ler e fazer o jornal na sala de aula*. 2. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2007.
- GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. 4.ed. 4.tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais<sup>1</sup>: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). *Gêneros textuais e Ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.p.19-38.
- MENEGASSI, Renilson José. A revisão de textos na formação inicial. In: GONÇALVES, Adair; BAZARIN, Milene (Org.). *Interação, gêneros e letramento: a (re)escrita em foco*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2013.
- STUTZ, Lidia. *Sequências didáticas, socialização de diários autoconfrontação: instrumentos para a formação inicial de professores de inglês*. 2012, 388 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, 2012.